

TAKASHI
PAULO
NAGAI

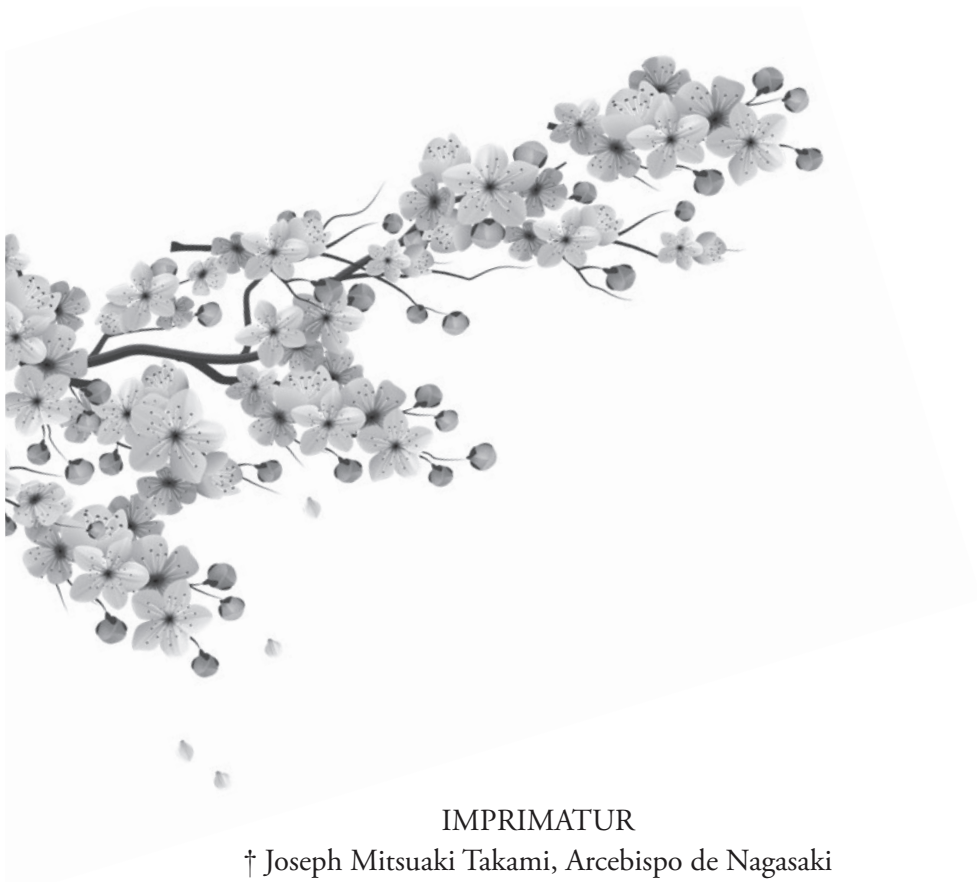
AQUILO QUE NUNCA MORRE

O caminho de um homem

Prefácio de

Padre Mauro Giuseppe Lepori





IMPRIMATUR

† Joseph Mitsuaki Takami, Arcebispo de Nagasaki
9 de novembro de 2021

P
R
E
F
Á
C
I
O

**O AMOR É A ÚNICA COISA
QUE NUNCA MORRE**

de Padre Mauro Giuseppe Lepori

A trama da vida

A leitura da autobiografia de Takashi Paulo Nagai é uma viagem guiada pelo curso e percurso atribulado de uma vida em que o drama humano de uma pessoa se entrelaça com o drama de toda a humanidade. É o próprio Nagai que alude à metáfora da vida como tecido, num verso poético que escreve em plena guerra Sino-Japonesa, ao partilhar uma peça de fruta com um jovem soldado inimigo que tinha sido feito prisioneiro:

*Estou vivo – penso – sentado à sombra de uma fortaleza
enquanto descasco uma toranja. Ainda estou vivo, hoje,
e penso quão preciosa é a trama da vida.¹*

Estar face a face com o rosto humano de quem é definido como inimigo na guerra, até ao ponto de reconhecer a exceccionalidade do seu sorriso – «Nunca na vida tinha visto um sorriso de amor tão profundo» – recorda-lhe quão preciosa é a trama da sua vida, e da vida de cada homem.

¹ Cfr. *infra* p. 178



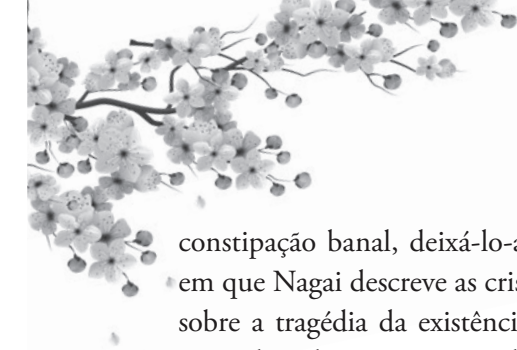
A trama da vida revela o Mistério que a tece. O homem atento e decidido descobre progressivamente que o Mistério é o Tecelão da sua vida. Descobre que a consciência da trama da vida é o verdadeiro conhecimento de si, a justa consciência do eu, no desenrolar-se da sua existência, descobre-se cada vez mais “tecido” por Outro, por um Tecelão misterioso que consegue continuar a sua obra e levá-la a bom termo até quando os fios se desfazem; até quando são cortados por forças externas ou queimados por um inimigo que parece estar sempre a tentar contrastar a tecelagem de uma existência querida pelo Mistério.

O tecido de uma vida manifesta a verdade de uma pessoa porque manifesta Aquele que a tece, Aquele que a faz. A trama de cada vida é de uma absoluta originalidade, porque é o Tecelão que a cria constantemente, com um projeto eterno; não quer isto dizer que tudo está determinado à partida e que depois se concretiza como se de uma máquina programada se tratasse. Deus tece tendo na mente e no coração um desígnio de plenitude, um cumprimento, mas a tecelagem é um ato de criatividade constante, que toca sempre, que agarra ou retoma sempre os fios de uma existência. A tecelagem é uma criatividade em que o autor está sempre alerta, reconsidera sempre o desenho que pode realizar com os fios que tem, tal como são ou como se tornam, para o bem e para o mal. O Tecelão quer realizar uma obra bela, útil, boa, completa. Mas para completar o seu “desenho” de bem e de beleza tem sempre de contar com a realidade de um coração que quis que fosse livre. Deus, ao dar a liberdade ao homem, quis correr o risco de se submeter a um desafio constante: conseguir tecer uma obra bela e boa com fios que escolherão desfazer-se, estragar-se, ou que serão danificados por outras liberdades. Desde o pecado original em diante, Deus assumiu o desafio de dar cumprimento à vida do homem tecendo a trama sempre e de qualquer forma, com tudo o que o homem escolhe ou não escolhe, até contra o seu Criador.

O drama de Job

Parece que Deus está sempre a perder o desafio de conseguir tecer uma vida completa. Satanás danifica e corta todos os fios da vida de Job, que estava tão bem tecida até àquele momento. O que poderá o Tecelão supremo fazer com estes fios todos cortados? Mas existe um fio que, mesmo que esteja desfeito, permanece nas mãos do Tecelão: a fidelidade de Job, a confiança de um homem que, ainda que sozinho e abandonado, jazendo no esterco, coberto de chagas, reconhece a bondade última da dependência do Mistério; reconhece que só Outro pode e sabe voltar a tecer sempre de novo uma existência que tenda para um cumprimento que não é apenas o resultado de muitas pequenas fidelidades ligadas com nós umas às outras, mas sim do apego ao Tecelão que a faz. Nagai aprendeu e viveu esta posição humana até às suas consequências extremas; compreendeu-a ao contemplar a trama da sua existência, continuamente desfeita e recomposta por Deus, mais bela, mais verdadeira, boa e útil.

Takashi Nagai leu com crescente espanto uma obra indefetível de Deus no tear da sua vida e da vida dos outros. Um espanto que tudo tentava desiludir e apagar. Porque cada vez que um desenho importante parecia descrever a sua vida e a sua vocação, chegava o momento em que tudo era destruído e o desenho que se entevia era apagado. No fim dos seus estudos em Medicina, uma otite, contraída devido a uma imprudência superficial, retirá-lo para sempre a possibilidade de usar o estetoscópio e exercer a arte médica. Depois, a guerra na Manchúria parece vir a interromper o projeto de casamento com Midori. De seguida, quando se torna num célebre professor de Radiologia, uma injeção administrada com pouca prudência por um colega, por causa de uma



constipação banal, deixá-lo-á asmático para sempre. As páginas em que Nagai descreve as crises respiratórias são uma obra-prima sobre a tragédia da existência humana, que nunca deixa de ansiar pela vida, mesmo quando tudo a sufoca. Depois, a Segunda Guerra Sino-Japonesa, detalhadamente descrita, afastá-lo-á da família e do trabalho durante quatro anos. Sucessivamente, aparecerá a leucemia, dando-lhe apenas três anos de vida, mas esta chaga não terá tempo de surgir, que logo chegará o golpe final, a bomba atômica, que lhe tirará tudo, a começar pela mulher, levando-o à beira de um «desespero total»².

A superação de todas estas provações nunca foram para Nagai o fruto da sua força de vontade, da sua fé ou das suas capacidades. No fundo, deu sempre por si espantado a descobrir e redescobrir que o Tecelão continuava incansavelmente a tecer a sua vida, em tensão para uma realização cada vez mais profunda e mais elevada – o cumprimento de um amor que vence a morte e todo o mal que a humanidade possa cometer ou sofrer.


O amor de Cristo, única vitória

Como é que esta vitória acontece? Como é que o amor pode vencer, quando tudo parece ser derrotado pelo poder do ódio? Ao meditar nestas páginas de Nagai, precisamente nos dias em que uma guerra cruel, que mina a paz do mundo inteiro, uma guerra que considerávamos impensável, começou na Ucrânia, percebi quão urgente é acolher a profecia da vida de Takashi Paulo Nagai, porque não se trata apenas de uma profecia que anuncia e exige a paz como valor, mas é uma profecia que a vive

² Cfr. *infra* p. 10

e a sofre e, por isso, a acolhe para todos no único leito que torna a humanidade capaz de um bem que supera as próprias capacidades: a oferta e o sacrifício de uma vida. A humanidade não pode encontrar paz senão acolhendo um amor impossível ao homem, um amor que só Deus tem, um Amor que só Deus é. Nagai procurou este amor impossível durante toda a sua vida, e expressou este desejo profundo, essencial, do seu coração, do nosso coração, em todas as dimensões da aventura humana: os afetos, a religiosidade, o estudo, o trabalho, a pertença a um povo, a uma cultura que encontra outros povos e outras culturas, a experiência do mal, da dor, da doença, da guerra, mas também do bem, do perdão, da amizade. Em tudo descobria os rastros de um amor infinito, querido e recusado, acolhido e ferido, e ainda assim sempre oferecido, invencível no seu doar-se.

Quão comovente é a narração dos reflexos luminosos deste amor infinito nos momentos e nos gestos de gratuidade que Nagai descreve, sempre com surpresa, até e sobretudo no meio das trevas da guerra. Nagai descobre que a guerra, a divisão e o ódio nunca são vencidos pela força que se opõe à força contrária, mas sim pela loucura de gestos gratuitos, de beleza e bondade, de verdade e doçura, precisamente nos lugares em que parecem absurdos. Como quando na urgência extrema de um hospital de campo improvisado, cheio de feridos, numa casa chinesa constantemente atingida por fogo inimigo, os seus companheiros decidem manter vivos e alimentar os bichos-da-seda, para que quem voltar a essa casa os possa encontrar nutridos e prontos para produzir. Ou então quando os seus companheiros de guerra e de cuidados médicos no campo, ao ver que ele não consegue mastigar, arriscam a vida para encontrar mel ou para lhe levar uma papa de arroz. Em tudo, Nagai descobre, no meio do pântano, sementes do amor maior, o que dá a vida



pelos seus amigos (cfr. Jo 15, 13), o que, ao dar a vida, transforma os inimigos em amigos.

Oferecer a vida para acolher e manifestar este amor torna-se cada vez mais o sentido que Nagai procura e acolhe para a sua existência, até ao auge destas páginas e desta vida, quando, diante das cinzas de tudo, da aparente derrota total que a bomba atômica vem selar, lhe é dada a consciência clara e consoladora que é este amor que Cristo tinha dado e revelado ao mundo, «a vida que ama Deus e é amada por Deus»³, a realidade que nunca morre e que só ela pode dar sentido à existência, mesmo quando tudo grita que o sentido da vida não existe.

Stabat Mater

Takashi Paulo Nagai só no fim repara que a sua mulher Midori tinha sido o instrumento essencial de Deus para o desenvolvimento e o cumprimento da sua vocação e missão. É quase perturbador, ao ler o livro, a escassa menção a esta mulher excepcional. Mas, no fim, é o próprio Nagai que confessa esta “distração”, que teria podido perfeitamente esconder a partir do momento em que escreveu o livro depois de ter reparado nisto. Diante do montinho de ossos de Midori, carbonizados e cobertos pelas cinzas da sua casa, e do fio do terço em que as contas pareciam ter desaparecido debaixo de terra como sementes de uma vida fiel e de oração constante, Nagai apercebe-se de que tudo o que na sua vida o conduziu ao cumprimento, ao dom, à fecundidade na fé, no trabalho, na investigação científica, na amizade, tudo o que o protegeu, salvou dezenas de vezes de uma morte certa, tudo era graça que a oração e o amor de

³ Cfr. *infra* p. 11

uma mulher silenciosa e escondida obtinha para ele. Se a sua vida alcançava agora o auge da oferta, do sacrifício, devia-se a Midori, que tinha acolhido e vivido este auge desde sempre, e especialmente por ele. Midori é para Nagai a Mulher que está junto à Cruz e permite a Cristo, com a liberdade do seu consentimento, salvar o mundo. O lugar de Midori é o *Stabat Mater*, a fidelidade amorosa de Maria à missão do Filho que, no fim, antes de morrer, reconhece nela a Mãe da humanidade inteira que está a redimir com o Seu Sangue. Como Maria, Midori ofereceu o seu sim constante ao desígnio de Deus sobre Nagai e sobre si própria. É a própria Midori que revela a Nagai o mistério da sua participação profunda, interior, na missão do marido, numa circunstância em que a sua generosidade em cuidar de um doente significava certamente pôr a sua vida em risco: «É verdade, eu não conheço os sofrimentos da asma, mas tu não conheces o medo que eu tenho no coração quando tomo conta de ti nesses momentos. Quando estou ali, ao teu lado, e olho para ti, penso que preferia estar eu no teu lugar! Tu sofres na carne, mas eu sofro no coração»⁴.

Palavras que poderia ter sido a Virgem Maria a exprimir à letra, enquanto estava silenciosa e amante junto à Cruz de Jesus. O sacrifício expiatório e salvífico do Cordeiro, que Nagai reconhecerá na imolação da cidade de Nagasaki que pôs fim a uma guerra mundial, é um acontecimento que Deus semeia no coração de um “Sim!” ao maior Amor que regenera o mundo.

P. Mauro Giuseppe Lepori
Abade Geral da Ordem Cisterciense

⁴ Cfr. *infra* p. 143

O sistema de transcrição fonética da língua japonesa adotado neste livro é o chamado “método de romanização Hepburn”, cujas letras são chamadas de *rōmaji*, que em japonês significa “caracteres romanos”.

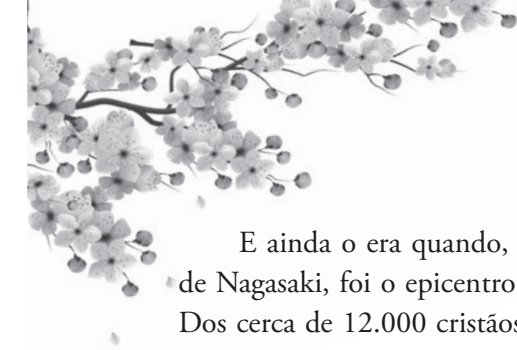
Em japonês, vogais e consoantes são pronunciadas de maneira semelhante ao italiano. É importante ter em mente que:

- o *ch* corresponde ao nosso som “tch”;
- o *sh* corresponde ao nosso *ch* de chave;
- o *g* corresponde ao nosso *g* de gato;
- o *j* corresponde ao nosso som “dje”;
- o *w* corresponde ao nosso u;
- o *h* é ligeiramente aspirado;
- um traço sobre as vogais *ō* e *ū* faz com que sejam pronunciadas com o dobro da duração.

Embora no Japão seja costume colocar o nome de batismo cristão antes do nome de família, seguido pelo nome próprio de nascimento, ex. Paulo Nagai Takashi, neste livro é adotado o hábito ocidental que faz anteceder o nome próprio, ex. Takashi Paulo Nagai.

A 9 de agosto de 1945 explode sobre Nagasaki a segunda bomba atômica da história, apenas três dias depois de Hiroshima. Num segundo, toda a área norte da cidade ficou reduzida a cinzas. Dos cerca de 250.000 habitantes que populavam Nagasaki, 40.000 morrem instantaneamente e muitos outros morrem nos dias a seguir.

No século XVII, a cidade de Nagasaki tinha-se tornado completamente cristã graças à obra de São Francisco Xavier e dos missionários jesuítas que tinham introduzido a fé no Japão em 1549. Populada por dezenas de igrejas, em tempos conhecida na Europa como a Roma do Oriente, viria a ser o coração pulsante do catolicismo naquela terra durante mais de 400 anos. Nos finais do século XVI, pela mão do governo dos samurais, começaram as perseguições atroztes que durariam até ao século XIX e levariam ao extermínio de dezenas de milhares de mártires cristãos. Um grupo de fiéis, que não estão dispostos a abjurar, refugiaram-se na zona rural de Urakami, um distrito a norte de Nagasaki, nas margens do rio com o mesmo nome. Ali instalaram as suas novas comunidades e começaram a viver a fé na clandestinidade, no segredo das suas casas, sem igrejas, nem padres, nem sacramentos, com única exceção do batismo, que eles próprios administravam. Tornaram-se no povo dos conhecidos Cristãos Ocultos que, por mais de 250 anos, transmitiu de geração em geração a fé herdada dos jesuítas e dos antepassados mártires. No fim do século XIX, quando passa a ser possível professar a fé cristã, Urakami era completamente católica.



E ainda o era quando, sendo já parte integrante da cidade de Nagasaki, foi o epicentro da explosão do dispositivo nuclear. Dos cerca de 12.000 cristãos que moravam em Urakami, 8.500 morreram nesse momento.

Àquele povo de crentes, que tinha cultivado a primeira semente da fé no Japão ao longo de três séculos de terror, e a quem tinha sido pedido que a irrigasse com o sangue dos seus mártires, e que a preservasse e transmitisse secretamente através das gerações, a esse povo era agora pedido um novo sacrifício, desta vez veiculado pela energia imensa do átomo. Mas foi precisamente com a oferta deste cordeiro sacrificial que, na realidade, a Segunda Guerra Mundial acabou. Em poucos dias, o império japonês declarou a rendição e todas as nações do mundo cessaram os conflitos bélicos.

Takashi Paulo Nagai era um médico radiologista que, em Urakami, tinha encontrado e abraçado a fé católica, movido pelo testemunho daquela comunidade; em particular, graças a uma mulher, Midori Marina, que viria a ser a sua esposa.

Na manhã da explosão, Takashi encontrava-se de serviço no hospital universitário, a apenas setecentos metros do epicentro. Salvou-se porque estava protegido pela estrutura de betão do edifício. Ao invés, a bomba levou a sua amada Midori e toda a cidade de Urakami.

Cinzas! Cinzas que cobriam as rugas da crosta terrestre!
As cinzas brilhavam ao sol, brancas e sem rosto. Os bairros, as fábricas, as escolas, a igreja, as florestas, os campos, tudo o que existia tinha desaparecido; os muretes de pedra que se erguiam sobre as colinas e as estradas que corriam nos vales, tudo era senão um manto de cinzas brancas. Esfregou

os olhos ensonados uma e outra vez, perguntando-se se a cidade que existia até ao dia anterior tinha sido apenas um sonho ou se, pelo contrário, o sonho seria a terra deserta que tinha diante dos olhos naquela manhã. Mas a sua Urakami era cinza.

A humanidade e todas as suas ocupações deixaram de ter consistência [...].

Nada restava dos frutos de todos os esforços de uma vida inteira e todas as suas esperanças para o futuro tinham desaparecido.


«Para que é que vivi até hoje? E para que viverei daqui em diante?».

Enquanto jazia sobre a cinza, as trevas da noite assaltaram-no e um desespero total abateu-se sobre o seu coração.⁵

Este ponto marca um novo início para Takashi Nagai. No coração da maior parte dos sobreviventes, «as trevas da noite» ganham terreno e sobre eles «cai o desespero», como última trágica afirmação sobre a realidade; já no coração de Takashi, a partir daquele momento, impõe-se com uma força cada vez maior o grito da pergunta: «para que hei de viver de ora em diante?»

Está em curso o jogo dramático da liberdade do homem diante do mal e da dor. Precisamente quando tudo aparenta ser apenas morte e destruição, no coração do homem torna-se mais urgente e ardente o grito doloroso por aquele bem que parece perdido para sempre. É nesse ponto que a liberdade tem de decidir se dá crédito à terrível vertigem de que tudo seja nada ou ao pedido de que tudo possa finalmente ter sentido.

⁵ Cfr. *infra* p. 247



«Uma vida inteira que se transforma em cinzas!»

Não conseguia suportar uma vida sem sentido! Tinha de encontrar algo que não perece. Tinha de se agarrar àquilo que nunca morre. O tempo passa, o espaço desvanece-se, os seres vivos morrem, mas nós temos de viver a vida de modo que possa permanecer o que não perece, o que não morre.⁶

É a pura opção da liberdade, que tem de decidir se quer acreditar que o bem é impossível ou se quer esperar que a vida possa ainda surpreender com uma resposta inimaginável. Esta é uma posição humana que requer a humildade de reconhecer que a vida é um Mistério maior do que as nossas capacidades de compreensão e até de imaginação.

Mas onde se pode encontrar a força para suportar esse pedido, para que se torne numa espera cheia de certeza e de esperança? O que fazer, de forma razoável, para esperar que exista alguma coisa que não perece, se tudo em torno está visivelmente dominado pelas cinzas e pela morte? Agarrar-se a quê, para suportar aquele desejo?

Ao repensar na sua vida inteira com aquela urgência nos olhos, não podendo enganar ninguém, nem querendo escapar, Takashi reconhece, com límpida evidência, que a sua vida testemunhava – antes de mais, a si próprio – a presença de uma semente de Algo que nunca morre, de Algo capaz de sustentar aquela promessa.

«O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar». Compreendera que aquilo que ultrapassa o tempo e o espaço e permanece para sempre é a Palavra de Jesus

⁶ Cfr. *infra* p. 250

Cristo que é Deus. A vida na Sua Palavra, a vida com a Sua Palavra, a vida que ama Deus e é amada por Deus, a vida sobrenatural, a vida do espírito: é esta a vida verdadeira que um homem deve viver.

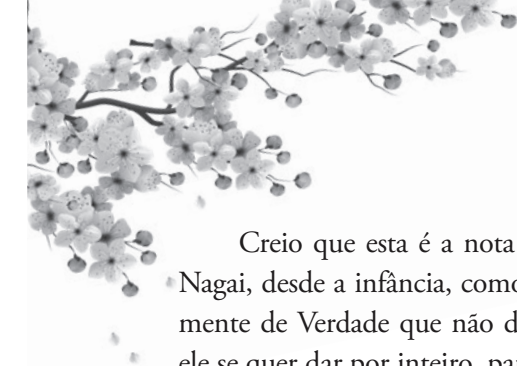
[...] perdera tudo. Mas estava a entrar na sua nova vida, em busca daquilo que nunca haveria de perder.⁷

É a partir dessa evidência que Takashi se lança na sua nova vida e decide escrever este livro, como testemunho, para todos os seus irmãos homens, sobre o que, ou melhor, sobre Quem – Jesus Cristo – pode conferir um novo sentido, definitivo, a tudo, mesmo em condições de morte e dor tão extremas como as que resultam da devastação da bomba atómica.

Aquilo que nunca morre é um livro fielmente autobiográfico, sob a forma de um romance, escrito na terceira pessoa; nele, Takashi Nagai percorre a sua própria vida, desde a infância até ao dia da explosão da bomba atómica, compreendendo os numerosos acontecimentos que se sucedem como a sequência de passos de um caminho que a Providência de Deus soube sabiamente tecer para o encontrar pronto no momento da última viragem.

Com a profundíssima inteligência de humanidade que o distingue, Takashi Nagai traça a trajetória dos factos mais importantes da sua vida – uma sequência de episódios de tal forma clamorosos que merecem, por si só, transformar-se numa trama fascinante de uma obra literária ou cinematográfica. E também com o olhar sempre atento e espantado, por vezes sério e dramático, mas leve e divertido, colhe o nexos como os passos de um percurso à descoberta da Verdade.

⁷ Cfr. *idem*



Creio que esta é a nota que domina toda a vida de Takashi Nagai, desde a infância, como se vê nesta obra: uma urgência premente de Verdade que não dá trégua à sua razão. Verdade à qual ele se quer dar por inteiro, para que todas as coisas tenham sentido e nada se perca.

O seu amor à verdade e à razão levam-no, em primeiro lugar, a apaixonar-se pela ciência médica, seguindo os passos dos seus pais e até antes, do seu avô. Na época em que a ciência e a tecnologia progredem a passos largos na Europa e na América e, só como reflexo, no Japão, nesse mundo Takashi Nagai descobre não apenas a beleza do Verdadeiro, mas também da Bondade, certo de que servindo a medicina e a ciência, poderia contribuir para o bem dos seus pacientes e para o progresso de toda a humanidade, para a eternidade. É com estes ideais que se atira inteiramente por esse caminho.

Mas o seu coração permanece inquieto porque, no fundo, nem sequer aquilo parece bastar-lhe. Ainda que o amor à ciência e à medicina se mantenham como nota dominante ao longo de toda a sua vida, que vai até crescendo à medida que valoriza a sua própria experiência, no seu coração surge progressivamente a intuição de que nem sequer aqueles esforços, por muito virtuosos que sejam, podem representar o valor último da existência, mas são apenas um passo de um caminho que conduz a outro lugar.


O testemunho da comunidade de Urakami e, sobretudo, de Midori, a mulher que viria a tornar-se sua esposa, mostra-lhe que existe outra razão pela qual vale a pena fazer tudo, no horizonte da qual até o trabalho de médico, cientista e professor assume a justa orientação. As abominações a que tem de assistir durante a guerra e outros acontecimentos que vêm a pôr a sua vida em risco farão desmoronar a ilusão de que os ideais do progresso e do

humanismo, bem como o mito do seu amado Japão, possam dar forma à vida segundo aquela perspectiva verdadeira, inteligente e eterna que tanto buscava.

Quando contrai leucemia devido à sua profissão de radiologista, a que se dedicou sem jamais se poupar, e quando recebe o prognóstico de ter apenas três anos de vida, Takashi Nagai toma consciência de que, até àquele momento, enquanto ele se esforçava para fazer o bem com as suas mãos e, assim, ajudar o mundo a progredir, a sua esposa Midori agia discretamente no silêncio, completamente entregue à sua vocação, sem quaisquer clamores, consciente que apenas na oferta de si mesmo a Cristo se pode colaborar para o bem do mundo. Takashi compreende que, até então, Midori tinha-se oferecido inteiramente, com incansável diligência, ao serviço da sua família e da comunidade de Urakami. Nunca se tinha dado conta do valor do sacrifício silencioso daquela mulher que agia no recolhimento, enquanto ele se tinha tornado, pelo contrário, um cientista aclamado e um médico respeitado em toda a cidade.

Passados apenas dois meses viria a explodir a bomba atômica e, mais uma vez, Midori viria a oferecer o seu sacrifício silencioso, deixando apenas alguns ossos queimados no meio das cinzas de Urakami, a par de um testemunho poderoso que estava agora destinado a mudar definitivamente a vida de Takashi.

Dois meses depois da explosão da bomba atômica, Takashi decide ir viver novamente para Urakami, para os restos daquela casa onde tinha conhecido Midori e onde se tinham casado; onde, antes deles, tinha sido a morada dos Cristãos Ocultos. Completamente privado de tudo e imobilizado numa cama por causa da leucemia, manda construir uma cabana a que chama Nyokodō, “o lugar de amor a si mesmo”, onde começa um



caminho luminoso em total e decidida pobreza material e de espírito, à descoberta de si e da realidade na amizade com Cristo.

Numa pequena cabana no meio da terra arrasada pelo vento atômico, com dois filhos pequenos nos braços e um corpo que já não se mexe como ele gostaria, Ryūkichi leva agora a sua vida no esplendor⁸.

É neste ponto da história que termina a narração deste livro, com as únicas palavras que Nagai escreve na primeira pessoa:

Essa nova vida deveria ser a terceira parte deste livro, mas, uma vez que minhas forças vão diminuindo, gostaria de testemunhá-la noutra obra⁹.

O testemunho imponente do esplendor de vida que Takashi Nagai viveu a partir daquele momento até ao fim da sua vida na terra, no dia 1 de maio de 1951, é oferecido por ele no seu maravilhoso livro *Pensieri dal Nyokodō*¹⁰ [nt, Pensamentos do Nyokodo], para o qual remeto o leitor como continuação e desenvolvimento deste.

Voltando a esta obra, *Aquilo que nunca morre*, é oportuno referir que ela se insere na esteira da antiga tradição literária japonesa, segundo a qual, até ao século XX, as obras autobiográficas eram escritas na terceira pessoa e o autor escolhia um pseudónimo. É isso que faz Takashi Nagai neste romance que – desejo sublinhar – é fielmente autobiográfico.

⁸ Cfr. *idem*

⁹ Cfr. *idem*

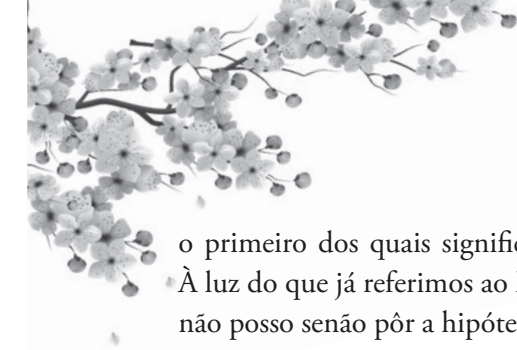
¹⁰ Takashi Paolo Nagai, *Pensieri dal Nyokodo. Laudacia di un cuore che ogni mattino si rimette all'opera*. Edizioni San Paolo. Cinisello Balsamo 2022.

Apesar de na primeira metade do século XX, quando Nagai escreve o livro, já se tivesse difundido no Japão de forma predominante, por clara influência da cultura ocidental, o romance do eu, no qual o autor fala na primeira pessoa e se coloca no centro da narração, fazendo uma busca introspectiva da alma, com uma configuração fortemente psicológica, Nagai decide afastar-se dessa abordagem e prefere seguir a tradição, porque tem um objetivo diferente: ele quer contar a sua vida com o espanto e a gratidão de quem admira algo grande e belo, que neste caso é a trama dos acontecimentos da sua vida, que porém nunca são apenas seus, mas antes proclamam a obra de Outro e anunciam uma possibilidade que é para todos. São um convite para todos. O centro da sua narração não é ele próprio, mas sim Aquilo que ele encontrou, Aquilo que lhe aconteceu. Esta obra é o olhar espantado sobre si mesmo, de quem se dá conta que a vida, em busca do seu significado, está habitada pela presença de Cristo e que tudo conflui para o encontro com Ele.

Ainda que Nagai não nos tenha deixado notas sobre o critério com que escolheu os pseudónimos que adota nesta obra para si e para a sua mulher Midori, tomo a liberdade de partilhar a minha hipótese pessoal sobre isso.

O nome pessoal do protagonista, Ryūkichi, 隆吉, liga-se diretamente ao do autor, 隆, visto que, como se pode notar, é composto por dois ideogramas: o primeiro coincide com o de Takashi (apesar da diversidade de leitura por razões que estão fora dos objetivos desta explicação). No fundo, significa “Ryūkichi sou eu”.

O apelido do protagonista, Hayakashi, 林, significa bosque e escreve-se, como se pode ver, com um ideograma que representa duas árvores. É interessante notar que o verdadeiro apelido de Midori, que é Moriyama, escreve-se com dois ideogramas, 森山,



o primeiro dos quais significa floresta e representa três árvores. À luz do que já referimos ao leitor e que se tornará claro no livro, não posso senão pôr a hipótese que o autor tenha querido marcar um sinal de pertença, de filiação para com a família Moriyama e com a sua Midori, como quem quer dizer que ele, um bosquezinho de duas árvores, na fé e na vida, é filho daquela grande floresta que são as três árvores dos Moriyama.

Por fim, o pseudônimo que o autor atribui nesta obra à sua mulher, Midori, é Haruno, 春野, que significa ‘campo de Primavera’, pondo-a assim em clara contraposição ao campo atômico, genya, 原野, nome com que Nagai chama a terra devastada pela explosão nuclear. O átomo, 原, transformou o campo, 野, em cinzas; já Haruno fertilizou-o com o sacrifício da própria vida, transformando-o num campo de Primavera em flor. A este propósito, desejo que o leitor saiba que, quando Takashi Nagai, já imobilizado na cama no Nyokodō, ganha o primeiro dinheiro como escritor, decide usar as receitas para mandar plantar mil cerejeiras pela cidade de Urakami, para que, como ele dizia, na Primavera o campo atômico se transformasse em colina em flor.

Gostaria de deixar uma última nota ao leitor ocidental¹¹, antes de começar a leitura desta belíssima obra. Em diversos pontos, o autor conta a vida da comunidade da Igreja Católica, à medida que ele próprio a descobre e nela se envolve. Deixa algumas dicas sobre a liturgia, sobre os sacramentos e sobre a doutrina, contando, por exemplo, como são os ritos dos sacramentos, ou partilhando noções específicas como os dez mandamentos ou os sete pecados capitais. A intenção do autor é claramente dar ao leitor médio japonês alguns elementos de base sobre o conteúdo e a forma da fé da Igreja Católica, assumindo que ele os ignora.

¹¹ O autor refere-se originalmente ao leitor italiano.

Ainda que para muitos de nós, leitores ocidentais, essas noções possam parecer óbvias e cheguem a parecer ligeiramente aborrecidas, é, no entanto, muito interessante reparar que, para ele, são a descoberta da Presença de Cristo que opera na vida dos homens de forma realmente incisiva.

Se, para nós, certas noções se arriscam a soar – perdoe-me o leitor – como uma turva reconstituição de um passado um pouco bafiento, que já tem pouco a dizer à vida apressada em que todos nos alvoroçamos diariamente, creio que aqui Nagai nos dá a possibilidade de voltar a olhar para essas coisas com os olhos virgens de quem as vê pela primeira vez e se apercebe que finalmente encontrou o que procurara durante tanto tempo, ou seja, a Verdade que intervém e incide eficazmente na vida com a forma concreta de um gesto, um objeto ou uma palavra.

[...]percebeu que a Igreja era uma realidade frondosa que pulsava de força vital e que era um erro tratá-la como uma montra de recordações de antiquário pertencentes à histórica seita herege dos padres jesuítas¹².

Nesta história, à medida que se desenrolavam os encontros mais significativos e os acontecimentos mais importantes da vida do autor, dei-me conta da imponência da estatura humana de Takashi e de Midori. Ainda que tenham nascido em duas estradas tão diferentes, ambos tinham levado tão a sério o significado da vida e a responsabilidade no encontro com a fé cristã, ao ponto de se deixar plasmar completamente por ele. Na história deles, bem como na dos Cristãos Ocultos da qual jorra a fé de ambos, torna-se evidente quão o batismo é capaz de gerar a semente de um homem

¹² Cfr. *infra* p. 37



novo que, na companhia vocacional, encontra o terreno onde pode crescer, florescer e frutificar; um homem novo que olha para tudo com o olhar de quem sabe que é querido e amado para sempre.

Takashi e Midori descobrem que a fé não é um pensamento ou um sentimento ou, ainda pior, uma mera recordação a preto e branco, mas sim o reconhecimento da Presença de Cristo que age na unidade da Igreja, para encher de alegria, em qualquer circunstância, a vida de quem aceita deixar-se amar por Ele. Desejo que esta mesmíssima descoberta nos possa acontecer a todos hoje, através do testemunho contido nesta obra, da qual nunca estarei suficientemente grato.

Gabriele Di Comitè
Tōkyō, 16 de janeiro de 2022

太
Q
U
I
Ł
O
Q
U
E
N
U
N
C
太
M
O
R
R
E

ÍNDICE

Prefácio	5
Nota ao leitor	12
Introdução	13

Primeira parte

Pai e filho.....	27
Urakami	41
A encruzilhada	57
A divisão de física médica	67
Uma noite de neve.....	105
Quem reza.....	117

Segunda parte

A conversão.....	139
A sociedade de são vicente	157
A reviravolta	203
A frente da morte	205
Professor assistente.....	263
A equipa de socorro	285
A leucemia	299
As cinzas	321
<i>Post scriptum</i>	345
Imagens.....	347